DOM ANTÔNIO DE MACEDO COSTA — UM MODELO PARA O EPISCOPADO DO BRASIL

Fernando Câmara

DOM ANTÔNIO DE MACEDO COSTA — UM MODELO PARA O EPISCOPADO DO BRASIL

Fernando Câmara
(Do Instituto do Ceará)

A Igreja do Brasil registrou no mês de julho passado dois importantes acontecimentos em sua história, o maior dos quais, a visita de um Papa — João Paulo II — que, em missão pastoral, percorreu diversas cidades de nosso País, levando a sua palavra de fé ao povo brasileiro.

Foi a primeira visita de um Soberano Pontífice à nossa Pátria, pois, antes dele, aqui estiveram, ainda não investidos na chefia da Igreja de Cristo, quatro futuros sucessores de São Pedro, a saber

Pio IX, no primeiro quartel do século passado, quando obscuro membro da Legação Apostólica do Chile, de passagem para aquela nação andina, desembarcou no Rio de Janeiro, celebrando missa em uma de suas igrejas, que mais tarde perpetuou o acontecimento com placa de bronze.

Pio XII, como Cardeal Legado ao Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires, também esteve na antiga Capital Federal, visitando a estátua de Cristo Redentor no alto do Corcovado, e recebendo homenagens do então Presidente Getúlio Vargas.

Paulo VI, na época Cardeal Giovani Batista Montini, visitou o Brasil atendendo convite do Presidente Juscelino, para conhecer Brasília, a nova Capital da República.

Finalmente, tivemos a presença simpática do Cardeal Albino Luciani, Patriarca de Veneza e depois sucessor do Papa Paulo VI no trono de São Pedro, com o nome de João Paulo I.

Esteve no Brasil visitando a colônia italiana radicada no Rio Grande do Sul, convidado que foi pelo atual Presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheider, Bispo da Diocese de Santa Maria naquele Estado. Na oportunidade, percorreu os sertões de Pernambuco, visitando também sacerdotes da sua Diocese de Veneza, engajados na pastoral do vizinho Estado.

O outro acontecimento, há muito reclamado pelo povo brasileiro e agora tornado realidade pelo Papa João Paulo II, foi a beatificação do jesuíta, Padre José Anchieta, O APÓSTOLO DO BRASIL, figura por demais venerada em nossa Pátria e um dos responsáveis pela catequese do nosso gentio no século XVI, quando da descoberta da Terra de Santa Cruz

Agora, neste mês de agosto, registramos na história eclesiástica do Brasil o sesquicentenário do nascimento de um dos maiores vultos do Episcopado Imperial, um bispo que, a par de seu grande talento, foi, também, um verdadeiro missionário em sua vasta diocese, que compreendia praticamente a metade do território nacional, onde durante trinta anos esteve como seu dedicado Pastor, e ao lado de Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, tornou-se, depois, uma das vítimas da Questão Religiosa.

Refiro-me a Dom Antônio de Macedo Costa, o ilustre filho que a Bahia deu ao Episcopado Imperial e ao mundo cultural brasileiro.

Ao assumir o Sólio paraense em 1931, como um dos seus mais dignos sucessores, o saudoso Arcebispo, Dom Antônio de Almeida Lustosa, estranhou que tão destacada figura da Igreja do Brasil ainda não tivesse merecido um biógrafo e, procurando fazer justiça ao grande Bispo, escreveu a sua história.

É para falar sobre a personalidade deste notável e exemplar Pastor, cujo sesquicentenário de nascimento ocorrerá no dia 7 do corrente mês, que ocuparei hoje a tribuna do mais antigo Sodalício Cearense, como palestrante do dia.

Natural da cidade baiana de Maragogipe, onde nasceu em 7 de agosto de 1830, Dom Antônio de Macedo Costa teve como pais Joaquim de Macedo Costa e Joaquina de Queiroz Macedo, os quais, desde cedo, lhe imprimiram sólida formação religiosa, responsável pela sua vocação eclesiástica.

Em sua cidade natal iniciou-se nas primeiras letras, e depois, cursou latinidade com o Professor Francisco Caetano

Ribeiro Coelho. Viaja então para Salvador, matriculando-se no Colégio dirigido pelo Cônego Francisco Pereira de Souza, revelando-se desde cedo um dos alunos mais brilhantes naquele estabelecimento de ensino.

Em 1848, ingressa no Seminário de Santa Tereza, na capital baiana, passando em pouco tempo a colaborar no Noticiador Católico.

Pelo talento e virtudes, ali conquistou logo a admiração e confiança dos colegas e superiores, tanto que o Arcebispo-Primaz, Dom Romualdo Antônio de Seixas, de comum acordo com os seus familiares, resolveu mandá-lo prosseguir os estudos na Europa.

Durante dois anos, esteve no Seminário de São Celestino, em Bourges, na França, concluindo o curso de retórica, com merecidos elogios do Bispo de Tolosa, Dom Beguinot.

Em 6 de outubro de 1854, vamos encontrá-lo em Paris, matriculado no famoso Seminário de São Sulpício, tão disputado por seminaristas estrangeiros, e do qual, sairam diversos alunos para o episcopado.

Com seu profundo saber, em pouco tempo, ressaltou-se dentre os demais candidatos ao sacerdócio, tanto assim que mais tarde o Reitor do Seminário consideraria o futuro Bispo do Pará, ao lado de Dupanloup (futuro Bispo de Orleans) e Pie (depois membro do Sacro Colégio dos Cardeais) como os três maiores valores passados naquela tradicional casa de formação religiosa, nos últimos tempos.

Por um capricho do destino, os três haveriam de se encontrar em Roma, no Concílio do Vaticano em 1870, onde tiveram destacada atuação.

Com muita alegria o jovem seminarista vê os seus estudos chegando ao fim, aproximando-se do grande ideal: o sacerdócio.

Na Catedral de Paris, recebe, no dia 2 de junho de 1855, a tonsura eclesiástica, e no dia 17 de maio do ano seguinte, as quatro ordens menores.

Já em 20 de dezembro de 1856 é distinguido com o subdiaconato e no mês de junho de 1857, o diaconato.

Naquele mesmo ano, no dia 19 de dezembro, o seu grande sonho se tornou realidade. É o próprio Arcebispo de Paris,

Cardeal Nicolau Marlot, que lhe confere o presbiterato, tornando-o Ministro de Deus.

Não volta, porém, logo ao Brasil. Desejando aprofundar mais os estudos, dirige-se para a Cidade Eterna, matriculando-se no Liceu Pontifício de São Apolinário, obtendo ali o título de **Doutor in utroque jure.**

Retorna, então à Pátria, desembarcando na Bahia, no dia 1.º de novembro de 1859, sendo recebido festivamente pelos seus familiares e amigos, tendo à frente o Arcebispo-Primaz, Dom Romualdo Antônio de Seixas.

Foi logo admitido no magistério, passando a lecionar no Ginásio Baiano, dirigido pelo Dr. Abílio Cesar Borges (Barão de Macaúbas) e tendo como um de seus alunos Rui Barbosa. Também ensina no Liceu de Salvador. Publica na oportunidade a sua primeira obra — **Pio IX — Pontífice e Rei.**

Em 1859, o Imperador Pedro II resolveu fazer uma excursão às Províncias do Norte do Brasil, incluindo no roteiro de sua viagem visita às cidades de Salvador, Maceió, Aracaju e Recife.

Antes de viajar, teve o cuidado de obter informações confidenciais das personalidades que iria conhecer naquelas Capitais.

A Condessa de Barral deu os melhores informes do velho Arcebispo-Primaz da Bahia, Dom Romualdo Antônio de Seixas, "muito ilustrado e muito digno".

Recebeu, também, excelentes informações dos Padres Sebastião Dias Laranjeiras e Antônio de Macedo Costa.

Na conversa que manteve com o Arcebispo da Bahia, o Imperador registrou em seu diário as seguintes observações:

"Antes de partir conversei com o Arcebispo a respeito do clero, que me deu boas informações em geral dos párocos, abonando a conduta do Cônego Miguel Ferreira, dos Padres Laranjeiras e Macedo Costa, notáveis por ilustração e moralidade."

O resultado dessas informações resultaria, depois, na indicação dos Padres Sebastião Dias Laranjeiras e Antônio de Macedo Costa para os Bispados do Rio Grande do Sul e Pará, prontamente confirmadas pela Santa Sé.

Aliás, não se pode negar que Sua Majestade sempre se empenhou na apresentação de sacerdotes dignos das honras episcopais, bastando recordar os grandes nomes que integraram o Episcopado Imperial: Dom Antônio Ferreira Vioso, Dom Pedro Maria de Lacerda, Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, Dom Luiz Antônio dos Santos, Dom Joaquim José Vieira, e muitos outros nomes que poderiam ser acrescentados.

Confirmando, ainda, este critério, vejamos a recomendação que fez a Princesa Isabel, Regente do Império, quando lhe transmitiu o Governo em 1876, a fim de participar das comemorações do 1.º centenário da independência dos Estados Unidos da América:

"O Bispo do Maranhão está gravemente enfermo (Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva, que faleceu a 27 de abril do ano seguinte).

Todo o cuidado na escolha do novo bispo. Há padres dignos para o cargo."

Em 21 de abril de 1861, na Capela Imperial do Rio de Janeiro, o Padre Antônio de Macedo Costa é sagrado Bispo do Pará, oficiando a imponente solenidade litúrgica o Internúncio Apostólico, Dom Mariano Falchinelli, representante do Pontífice Pio IX junto ao Governo do Brasil.

Por procuração concedida ao Arcedíago Raimundo Severino de Matos assume o governo de seu bispado e, no dia 10 de agosto daquele mesmo ano, faz a sua entrada solene na Catedral de Belém do Pará, governando aquela diocese durante trinta anos, onde deu tudo de si para o bem espiritual do povo da Amazônia.

O novo campo de atividade pastoral compreende as vastíssimas Províncias do Pará e Amazonas, ou seja, praticamente a metade do território nacional, com três vigararias gerais instaladas nas cidades de Belém, Santarém e Manáus, contando apenas com reduzido clero para ajudá-lo no desempenho de sua missão episcopal.

Era o décimo Pastor que ocupava o Bispado de Santa Maria de Belém do Grão Pará, criado em 4 de março de 1719 pela Bula "Copiosus in misericordia" do Papa Clemente XI, desmembrada da Diocese do Maranhão.

Antes dele, ali estiveram: Dom Frei Bartolomeu do Pilar, Carmelita calcado e doutor em teologia (1721-1733); Dom Frei

Guilherme de São José, Religioso de Tomar (1739-1748); Dom Frei Miguel de Bulhões, da Ordem dos Pregadores (1749-1760); Dom Frei João de São José e Queiroz, da Ordem dos Beneditinos (1760-1763); Dom Frei João Evangelista Pereira, da Ordem de São Francisco (1772-1782); Dom Frei Caetano de Brandão, da Ordem da Penitência de São Francisco. Tomou posse em 1783, governando o bispado até 1789, quando foi promovido Arcebispo de Braga em Portugal; Dom Manuel de Almeida Carvalho, Presbítero Secular e Doutor em Cânones (1794-1818); Dom Romualdo de Souza Coelho, paraense e tio do grande Arcebispo da Bahia, Dom Romualdo Antônio de Seixas (1821-1841); Conselheiro Dom José Afonso de Moraes Torres, Comendador da Ordem de Cristo e Presbítero Secular (1844-1859). Foi o antecessor imediato de Dom Antônio de Macedo Costa.

Assumindo a chefia da Igreja da Amazônia, um dos primeiros cuidados do jovem Pastor foi preparar sacerdotes para auxiliá-lo em sua missão apostólica, encaminhando para os seminários da Europa diversos jovens, desejosos de abraçarem a vocação sacerdotal.

Institui a celebração do mês de Maria em todas as paróquias, e no ano seguinte ao de sua posse inicia as Visitas Pastorais que seriam constantes e se tornaria uma das características de seu longo e profícuo episcopado.

Nada o desanima, e ei-lo a percorrer enormes distâncias, visitando cidades e povoados, nos mais desconfortantes meios de transportes, procedendo como um verdadeiro missionário em sua vastíssima diocese.

E o que dizer das condições de subsistência em plena Amazônia, sujeitando-se a uma alimentação por demais precária?

Basta-nos recordar o que escreveu um cronista, ao acompanhar alguns anos depois, a Visita Pastoral do 1.º Bispo do Amazonas, Dom José Lourenço Costa Aguiar:

"nossa refeição foi um mutum, um peixe, uma cabeça de macaco, tudo moqueado".

Em 1863, está o incansável Bispo visitando os leprosos de Tucunduba, distribuindo entre eles alguma ajuda e pedindo depois providências ao Presidente da Província em favor daquela colônia de lázaros.

Nesse mesmo ano é distinguido com o título de Sócio Honorário do Instituto Arqueológico de Pernambuco, e de Presidente de Honra do Instituto da África de París. Mais tarde, receberia também o de Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Literariamente falando, Dom Antônio de Macedo Costa foi um fino estilista, de concisão admirável.

Grande vulto da oratória, haja vista o seu notável **Discursos sem Verbos**, em que ele considera a "naturalidade como a primeira regra do estilo por oposição à afetação ridícula."

Em 21 de março de 1883, encontrando-se em visita Pastoral na Província do Amazonas, pronunciou em sua Assembléia Provincial, perante o Chefe do Executivo e membros do poder legislativo, magistral conferência abordando o tema: **A Amazônia — Meios de Desenvolver a Sua Civilização.**

Entre outros assuntos, ressaltou as dificuldades que enfrentava em sua ação pastoral, no atual Estado do Amazonas. Vejamos alguns tópicos de seu pronunciamento no Legislativo daquela Província:

"Por minha parte, como representante da religião, que é incontestavelmente o grande princípio regenerador, pela minha parte, digo, de que forças atualmente disponho para influir neste estado de cousas e melhorá-lo? O que tenho no Amazonas? Aí, o inventário é curto. Igrejas quase todas miseráveis, abandonadas em ruínas. De 24 paróquias, só 7 providas!

Uns dez sacerdotes apenas para esta vastíssima Província incluíndo a Capital Um seminário menor com alguns alunos.

Eis o que tenho depois de 22 anos de esforços e sacrifícios para formar padres nos três seminários e nos da Europa.

Devo desmaiar e esmorecer, meus senhores? Não; com a mão sobre o meu peito de bispo, e olhos fitos em Deus, abismo de eterna justiça, mas também de infinita misericórdia, juro que não esmoreço!

Tão escasso é o número de vocações, as ordenações tão raras, que não se logra encher os vácuos que a morte vai abrindo em nossas fileiras.

Que fazer? A messe aí está lourejando a perder de vista. Faltam os operários. O único recurso é orar ao Senhor da messe para que mande operários para a sua vinha. No entanto com poucos é mister fazer o trabalho de muitos.

Como exercer este pequeno núcleo de operários evangélicos uma influência benéfica em toda a extensão de um território que mede 60.000 léguas quadradas!

A visita pastoral que se faz agora por maneira tão pouco conveniente, sendo muitas vezes o Prelado obrigado a funcionar em pobres barracas ou em igrejinhas meio derrocadas, não falando dos incômodos, dificuldades e lances arriscados de longas viagens em canoas ou em pequenas lanchas."

Maìs adiante, em sua belíssima conferência, o grande Bispo exalta o colosso da Amazônia e faz prognósticos de seu futuro:

"A Providência dispoz maravilhosamente caminhos e aberturas largas por onde pode passar o Evangelho e circular sem dificuldades toda esta vastíssima região.

O sistema hidrográfico que aqui temos diante dos olhos, único no mundo por sua grandeza colossal, essa rede interminável de estradas que caminham, vindas todas dar, mediata e imediatamente, à grande estrada real do rio-mar, estão dizendo ao homem: por sobre as águas é que o Espírito de Deus será levado a esses povos famintos de verdade e de justiça: Spiritus Dei ferebatur super aquas (Gen, 1,2).

A ciência, a indústria e o comércio começam a descobrir o recôndito e opulentíssimo tesouro de riquezas naturais, encerradas nesta bacia amazônica, que poderá alimentar um dia, à farta, cem milhões de criaturas humanas.

Só um profeta, diz Agassiz, poderia predizer o incalculável futuro reservado a uma região, que, mais rica e fecunda que os célebres vales do Nilo, no Ganges e do Eufrates, deve ministrar um dia à humanidade recursos inesperados, e ocupar na sua história um lugar mais assinalado do que o dos vales que foram seu berço.

Depois de perlustrar a Amazônia, abundou o sábio Humboldt no mesmo sentir, escrevendo que esta região seria um dia o maior empório do comércio do mundo."

Hoje, decorrido praticamente um século do pronunciamento de Dom Antônio de Macedo Costa, o que presenciamos na Amazônia?

A sua ocupação feita de maneira irregular e descontrolada, com a devastação criminosa de sua fauna e reservas florestais, já tantas vezes denunciada pelos órgãos de comunicação e até mesmo nesta Casa, pelo estimado consócio, Professor Francisco Alves de Andrade e Castro, grande defensor da preservação de nossos recursos naturais.

No Episcopado Imperial, Dom Antônio de Macedo Costa, além de figurar como a sua maior expressão cultural, destacou-se de modo especial, como uma verdadeira sentinela na defesa da Igreja contra as investidas do poder civil, que, baseado no direito do Padroado, procurava intervir constantemente em assuntos puramente religiosos.

Haja vista seu discutido pronunciamento — Memória sobre a Questão dos Seminários — onde o intrépido Bispo do Pará combate tenazmente o Decreto Imperial n.º 3073, de 22 de abril de 1863, que uniformizava os estudos das cadeiras dos seminários episcopais.

Este documento, que tanta repercussão causou em sua época, recebeu o apoio do clero e bispos do Brasil, chegando mesmo a ser comentado em artigo de Abbé Bouix, no jornal **Le Monde** de Paris.

Quando o Imperador Pedro II prestou homenagem a Renam, conhecido inimigo da Igreja, outorgando-lhe medalha, os bispos brasileiros levantaram enérgico protesto, cabendo a D. Antônio de Macedo Costa transmitir ao Monarca, no Paço São Cristóvão, a reprovação do nosso Episcopado.

Entretanto, foi na Questão Religiosa que ele teve a sua glorificação, quando se tornou uma de suas vítimas ao lado de Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

Foi processado, preso e condenado a cumprir penas na Ilha das Cobras, mas em momento algum transigiu no cumprimento do dever.

Anistiado pelo Gabinete de Caxias retornou a sua amada diocese que o recebeu com muita festa e alegria.

Sobre a Questão Religiosa, já pronunciamos nesta Casa uma palestra, quando do centenário de morte do Bispo de Olinda, ocorrido em 1878, julgando desnecessário voltar ao assunto, por demais conhecido de todos os presentes.

Situemo-nos então no ano de 1888, quando, pela primeira vez, se tratou de reivindicar para o Brasil a criação de um cardinalato.

O Imperador Pedro II encontrava-se na Europa em tratamento de saúde, e o Governo Imperial era exercido pela Princesa Regente.

O Diplomata Souza Correia é enviado à Corte de Leão XIII para tratar do assunto.

Antes mesmo de se conhecer o resultado da missão diplomática enviada à Cidade Eterna, já se discutia na Corte Imperial o nome do candidato que deveria integrar o Sacro Colegio dos Cardeais.

A princesa Isabel e o Conselheiro João Alfredo eram favoraveis a escolha do Bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Maria de Lacerda, mas o Internúncio Apostólico, Monsenhor Spolverini, quebrava lanças por Dom Antônio de Macedo Costa, chegando mesmo a dizer que utilizaria o veto, se o outro candidato fosse escolhido.

A queda do Gabinete João Alfredo, e, conseqüentemente, a subida do Gabinete Liberal do Visconde de Ouro Preto, o último por sinal do Império, veio serenar os ânimos. A missão Souza Correia redundaria em fracasso.

Em 1890 a Arquidiocese da Bahia encontrava-se Sede Vacante com a renúncia do Arcebispo-Primaz, Dom Luiz Antônio dos Santos, que fora no Ceará o nosso 1.º Bispo.

O Santo Padre Leão XIII, que já havia agraciado Dom Antônio de Macedo Costa com o titulo de Conde, promoveu o ilustre Bispo do Pará para aquela Sede Primacial.

Será, até hoje, o único baiano a dirigir os destinos da Igreja de sua terra natal, embora por procuração.

Dois sobralenses foram indicados para sucedê-lo no sólio paraense: Padre Salviano Pinto Brandão, vigário de Quixeramobim, figura austera e reservada, com vocação mais para o claustro, que recusou a honraria e permaneceu como vigário da minha cidade natal até a sua morte, ocorrida em 1915; o outro, Padre Jerônimo Thomé da Silva, foi seu substituto tanto no Pará, como no Arcebispado da Bahia, ali falecendo em 1924.

Já com a saúde combalida, depois de missionar durante trinta anos na Amazônia e sofrer uma prisão injusta, Dom Antônio de Macedo Costa prestou, ainda, relevantes serviços à causa de Cristo, quando no alvorecer da República, tratou-se da separação da Igreja e Estado.

É que, durante as negociações, representando o novo regime, encontrava-se Rui Barbosa, e, do lado oposto, o autêntico representante da Igreja, seu coprovinciano e antigo mestre no Ginásio Baiano, Dom Antônio de Macedo Costa.

Obedecendo os seus conselhos, se procederia da melhor maneira possível esta separação, acabando de vez o direito do Padroado.

Não teve Dom Macedo Costa a alegria de fazer a entrada festiva na Catedral da Bahia, pois, agravando-se o estado de saúde, foi procurar os bons ares de Minas, falecendo em Barbacena, no dia 21 de março de 1891.

Seu corpo, depois de embalsamado, foi enviado ao Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, e depois embarcado para Salvador em navio da Marinha de Guerra, com todas as honras devidas a um Príncipe da Igreja. Encontra-se sepultado na Catedral de sua terra natal.

Tomando conhecimento da infausta notícia, já em pleno exílio, o Imperador Pedro II registrou em seu diário de 30 de abril de 1891 as seguintes palavras:

"Tive as questões que sabem com ele, mas sempre o estimei muito, e admirei as suas qualidades."

Ao reverenciarmos a memória de Dom Antônio de Macedo Costa, no sesquicentenário de seu nascimento, homenageamos o grande Bispo brasileiro que deu tudo de si para a maior glória de Cristo em nossa Pátria!

Finalizando, fazemos nossas as mesmas palavras pronunciadas pelo Soberano Pontífice, João Paulo II, quando ao encerrar a reunião do Episcopado brasileiro, no Centro de Convenções de Fortaleza, manifestou o reconhecimento da Igreja aos Bispos do Brasil, que no passado desempenharam sua missão pastoral em nossa Pátria e fez a seguinte evocação:

"Não quero terminar estas palavras e encerrar este encontro sem evocar as figuras de Bispos, que ao longo de quatro séculos e meio foram neste País os legítimos sucessores dos Apóstolos e aqui dedicaram toda a vida, todas as energias à construção do Reino de Deus.

Diversas as circunstâncias histórico-culturais em que, foram chamados a exercer sua missão, diversas suas fisionomias humanas, diversas suas histórias pessoais, todos porém homens que deixaram marcas de sua passagem, desde aquele

Dom Pedro Fernandes Sardinha que foi o primeiro Bispo a exercer aqui no Brasil seu ministério episcopal.

Qualquer citação de nomes é forçosamente limitada: mas como não evocar figuras como as de Dom Vital de Oliveira e DOM ANTÔNIO MACEDO COSTA (o grifo é nosso) de Dom Antônio Ferreira Viçoso, dos dois primeiros cardeais brasileiros, Dom Joaquim Arcoverde e Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, de Dom Silvério Gomes Pimenta e de Dom José Gaspar de Affonseca e Silva?

Como não evocar aqui em Fortaleza a figura admirável de Dom Antônio de Almeida Lustosa que repousa nesta Catedral e que deixou nesta Diocese a imagem de um sábio e santo?

Possa a recordação destes irmãos, e de tantos outros, que nos precederam com o sinal da fé, estimular-nos mais e mais no serviço do Senhor!

BIBLIOGRAFIA

A Amazônia — Meio de desenvolver sua civilização. D. Antônio de Macedo Costa.

Biografia de Brasileiros Ilustres. Padre Rafael Maria Galanti S.J.

Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará. D. Antônio de Almeida Lustosa.

Dom José Lourenço da Costa Aguiar. D. Antônio de Almeida Lustosa.

História da Igreja no Brasil. Pedro Calmon.

Dom Vital e a Questão Religiosa. Fernando Câmara.

O Cardinalato no Brasil. Fernando Câmara.

O Condestável do Império. Oswaldo Orico.

Jornal **O Povo.** Edição de 11.07.80.